



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES EM RELAÇÃO A PERSONALIDADE DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camila Silva Barbosa¹
Antonia Kátia Soares Maciel²

RESUMO

A presente pesquisa aborda a temática de representações sociais de professores sobre a personalidade das crianças na educação infantil. Tendo como objetivo geral analisar a educação infantil sob o olhar das representações sociais dos professores, sua formação e possíveis consequências. Os objetivos específicos são: analisar a formação das representações sociais dos professores, pontuar o processo de formação das representações e investigar sua presença na educação infantil. A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa. No resultado foi visto que as Representações Sociais são imagens elaboradas a partir da realidade que nos cercam, formadas também pelas nossas experiências e compartilhadas rotineiramente. Apesar de sua formação parecer ser ingênua, muitas das vezes inconsciente, elas não são neutras, possuem um poder de atuação sobre os indivíduos, norteadando suas condutas em geral. Com isso, conclui-se que a presente pesquisa torna-se relevante para compreender o poder do papel das representações sociais dos professores da educação infantil e suas interferências nos processos educacionais, sobretudo na construção da personalidade da criança.

Palavras-chave: Representações Sociais, Professor, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a temática de representações sociais de professores na educação infantil em relação a personalidade das crianças. Compreende-se o termo representação como uma expressão que traz o significado de imagem e significações, ou seja, é uma imagem gerada mentalmente transformada em uma ideia, podendo inferir nossas escolhas, atitudes e comportamento.

Influenciado pelas pesquisas de Saussure (1916), Piaget (1947) e Durkheim (1972), a Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Moscovici (2000) e

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Faculdade Cearense - CE, camilasilvabarbosa1@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre; Faculdade Cearense – CE, katiasoaresmaciel@gmail.com



Jodelet (1989). Após a publicação das obras, a veracidade dos argumentos influenciou áreas do conhecimento como sociologia, psicologia e filosofia.

Atualmente, a teoria das Representações Sociais é uma ferramenta que possibilita conhecer a aquisição de signos contidos no meio social, sobretudo, no campo educacional. No Brasil, várias pesquisas de cunho educacional foram realizadas na busca de mapear as possíveis representações sociais que um professor carrega em relação aos alunos, apesar dos poucos detalhes das obras limitarem as conclusões, as publicações foram úteis para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Em segundo momento, o trabalho apresenta um diálogo entre autores como Crusoé (2004), Soares (2016) e Davis (2017) que possibilitaram a construção de uma reflexão sobre as possíveis influências das representações do profissional em sala de aula.

Analisar a educação sob o olhar das representações sociais nos proporciona uma crítica sobre a prática pedagógica e o poder influenciador que está sobre as ações do professor, principalmente nas séries iniciais, pois as crianças estão em processo de formação de sua personalidade. Assim, a pesquisa se dá em torno da seguinte problemática: O que são as Representações Sociais? Como se dá esse termo no campo educacional? Em busca das possíveis respostas, estabelecemos como objetivo para essa pesquisa analisar a formação das representações sociais, pontuar o processo e investigar sua presença na educação infantil.

METODOLOGIA

Sendo caracterizado como uma pesquisa que visa analisar as Representações Sociais no campo educacional, esta análise é de cunho qualitativo, pois sua construção acontecerá por meio das pesquisas de estudiosos que buscaram o contato com o meio social a fim de investigar as representações sociais, sobretudo no ambiente escolar.

Essa pesquisa pode ser classificada também por hipotético-dedutiva. Seguindo a concepção de Prodanov (2003), a mesma se limita na investigação de um suposto problema a qual constrói-se uma conjectura em função das hipóteses estabelecidas.

Ao longo da produção desse material de pesquisa, usaremos da pesquisa bibliográfica para a apuração de dados. De acordo com Gil (2002, p. 44), “é uma pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, construídos principalmente de livros e

artigos científicos”. Boa parte das produções científicas são caracterizadas por bibliográficas, isto acontece pela facilidade de compreensão da atualidade do objeto estudado. Vale ressaltar que, um dos grandes benefícios comentados pelo autor é a facilidade de coletar bastantes detalhes sobre o que se deseja analisar, pois há muitas informações já produzidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico deste artigo se dá nos argumentos de Saussure (1916), Piaget (1947) e Durkheim (2000). Neste tópico discorreremos acerca da formação histórica da teoria das representações sociais e as demais colaborações ao conceito de representação social analisado nesse estudo.

Saussure (1916) que por meio de suas análises registradas no livro Curso de Linguística Geral sistematizou a construção de signos na mente humana para em função da aquisição da linguagem e favorecedor da aprendizagem, e, Durkheim (1972) com sua teoria da representação coletiva. Observando o signo como embrião para o fato social, este possibilita a criação de um sistema linguístico, logo, conclui-se que há arbitrariedade na atuação do signo, sobretudo, quando alcança o campo do coletivo. Consideremos a seguinte afirmação em relação à arbitrariedade do signo,

[...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja (SAUSSURE, 1916, p. 132).

Segundo o autor, o centro da construção de valores não se dá em torno do individual, mas no coletivo, nas interações sociais (SAUSSURE, 1916). É a partir de então que se acrescenta a contribuição de Durkheim e suas análises acerca do fato social e seu olhar sobre o fenômeno da coletividade.

Para Durkheim (2007) as ações do nosso cotidiano são permeadas de reflexões que nos remetem a escolher entre o fazer ou não fazer, comprar ou não comprar, ir ou ficar, entre outros verbos. Por vezes, situações em nossa rotina nos impulsiona a agir contra a nossa vontade, mas forças maiores nos motivam a romper com o querer próprio, optando, assim, perseguir o que a maioria afirma ser o padrão.



O termo aplicado a esse fenômeno é *fato social*, objeto de pesquisa de Émile Durkheim, vejamos como o autor define este conceito.

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independentemente de suas manifestações. (DURKHEIM, 2007, p. 10).

Em outras palavras, fatos sociais ou Representações Sociais são ideais que permeiam a sociedade, generalizando-se de acordo com seu poder coercivo e tornando padrão o que é aprovado pela massa. Durante seus estudos, o sociólogo evidencia a coerção e a arbitrariedade como características do fato em análise, sobretudo nos signos sociais contido no sistema da moeda, nas práticas comerciais, nas instituições e nos demais sistemas presentes na sociedade, auxiliando também nas expressões de seus ideais. Moscovici (2000) apresenta o conceito de Representação Social, possibilitando assim produções científicas de cunho sociológico, filosófico e psicológico. Para o autor, as representações sociais:

[...] convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. (MOSCOVICI, 200, p.34)

As representações criam ligações entre objetos, acontecimentos e indivíduos, dão formas permanentes e em seguida são categorizadas. Após a formação dos signos sociais, este é classificado e partilhado socialmente. Sendo assim, é comum associações como cotidianas. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, ele é coagido a assumir determinada forma, adequar-se à determinada categoria, a fim de se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido. Sob a perspectiva interpretativa, as Representações Sociais são reconhecidas como fatores que orientam e organizam as ações sociais, vejamos o que diz a autora sobre,

Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem a nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a

assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 1989, p.22).

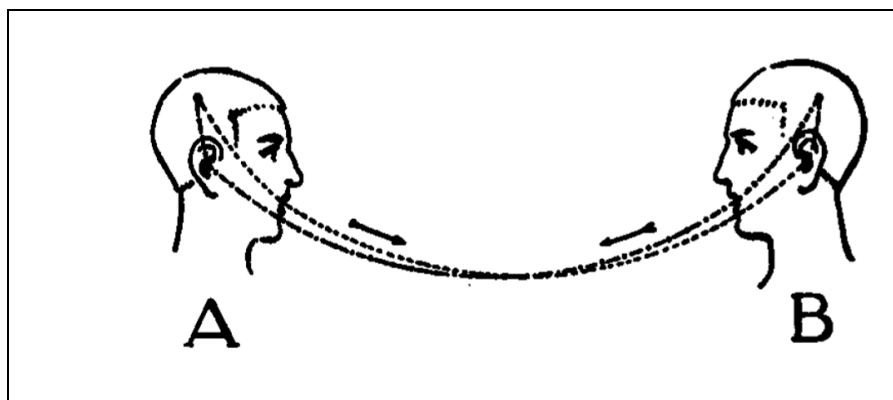
Para além de sua atuação organizadora, a autora ressalta vários processos sociológicos e psicológicos que sofrerão intervenções em sua construção tais como a propagação e assimilação do conhecimento, desenvolvimento (individual e coletivo), construção de identidades (pessoal e coletiva), expressão e a transformação de grupos sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão da complexidade das representações, sua presença no âmbito escolar, sobretudo, na relação do professor/aluno e suas possíveis consequências, o presente tópico tem por objetivo discutir as obras que colaboraram para a formação da Teoria das Representações e suas implicações na área educacional, entre elas destacam-se: Saussure (1916), Durkheim (2000), Moscovici (2000), Jodelet (2000), Soares (2016), Davis (2017), Crusoé (2004), Flor (2014) e Freire (1996).

Entre suas investigações e análises, Saussure (1916) destacou a importância da formação de signos em função da fala. Segundo o autor, existe um vínculo que une o termo ao objeto pensado. Durante a aquisição linguística, os termos aplicados aos signos são de cunho psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação (SAUSSURE, 1916). A imagem a seguir especifica, resumidamente, o processo da linguagem definido pelo autor, vejamos.

Figura 01: Processo da linguagem.



Fonte: Saussure (1916).



Como retrata a figura, durante o diálogo o cérebro suscita imagens acústicas correspondentes aos conceitos mencionados, assim, mais uma vez o cérebro atua no repasse da informação aos órgãos da fonação que correspondem de acordo com os impulsos, em seguida as ondas sonoras se propagam da boca de A e até os ouvidos de B. Em síntese, o circuito descrito se dá em três dimensões: psicológica, fisiológica e física.

Em suma, a obra de Saussure (1916) contribui para a compreensão da generalização dos signos de duas maneiras, na instância ativa/passiva e na psicológica. Ambas as maneiras, acontecem mediados pelo diálogo. A primeira se dá na interação dos indivíduos, na troca de conceitos que geram a multiplicidade de signos. E, na segunda, ocorre o armazenamento da informação e o suscitar desta, quando necessário. Assim, “[...] pelo funcionamento das faculdades e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensível as mesmas em todos” (SAUSSURE, 1916, p. 21), oficializando a sua generalização.

De acordo com os argumentos apresentados, conclui-se que, a teoria construída por Saussure (1916) contribui para o conceito de Representação Social por gerar a conclusão de que há um processo pelo qual é possível a formação de representações psíquicas sobre os demais objetos e fenômenos em nosso cotidiano “[...] visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado” (SAUSSURE, 1916, p.81). Assim, comumente, entramos em contato com esses símbolos, sem ao menos percebermos.

Para Durkheim (2007), tais sistemas e ideais são de caráter evolutivo, ou seja, seu desenvolvimento se dá independente de ações alheias, vejamos,

Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coerciva em virtude da qual se impõe a ele, quer ele queira, quer não. Certamente quando me conforto voluntariamente a ela, essa coerção não se faz ou pouco se faz sentir, sendo inútil. Nem por isso ela deixa de ser um caráter intrínseco desses fatos, e a prova disso é que ela se defina tão logo tento resistir. Se tento violar as regras do direito elas reagem contra mim para impedir meu ato [...]. Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se; eis que tudo o que significa nossa definição. (DURKHEIM, 2007, p. 2).



Apesar de serem fatos exteriores à natureza do indivíduo, sua influência atua arbitrariamente sobre as pessoas levando-as a agir de acordo com um padrão social. Por exemplo, as mídias de comunicação valorizam imagens femininas com medidas exatas em relação a sua altura e cintura, dotadas de etiquetas e técnicas que visam glamour. Como resposta a essa valorização, o público feminino passa a desejar o mesmo perfil, tornando assim, um padrão de beleza.

Assim, podemos concluir que a moda estética é um fato social, pois esta prega um padrão a ser seguido, de forma imperativa impõe seus ideais. Ao se adaptar não se faz sentir sua coerção, porém, não deixa de existir. Este exemplo denota o poder da coerção e da arbitrariedade, características intrínsecas do fato social.

Enxergar os fatos sob a perspectiva da maioria é adotar uma visão de acordo com o pensamento da massa popular, é ver os fatos de acordo com suas impressões. A origem das representações são consequências de vivências sociais que marcam os indivíduos acrescentando-lhes inconscientemente uma figura respectiva capaz de ser generalizada e alcançar o campo da coletividade e assim, de forma coerciva e arbitrária atuar sobre as pessoas.

O foco no modelo coletivo suscita em Durkheim (2000) outras pesquisas, dessa vez centralizando o fato social como embrião dos signos sociais. O conceito de “representação coletiva” na citação contribuiu de forma significativa para a teoria de Moscovici, pois é a base que possibilita a formação de signos e sua fixação. Para o sociólogo, o conceito de representação coletiva é um fenômeno que possibilita conhecer as formações de imagens sociais sobre indivíduos.

Assim, as Representação Sociais atuam como forças irresistível antes mesmo de surgir as ideias. “Enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são repensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2000, p. 37), o autor compreende que os ideais criados penetrados na mente continuam a existir, assim, podemos concluir que as experiências não são ideias mortas, elas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e ideias atuais.

Ante o olhar antropológico, Moscovici (2000) afirma que as representações são entidades sociais, autônomas (por possuir vida própria), conectadas (por apresentarem

instantes a qual se se comunicam entre si. É um fenômeno que influencia na harmonia do curso da vida. Durante sua perpetuação, as Representações Sociais usa de sua autonomia e pressão para formar realidades inquestionáveis, pois é “Através de sua autonomia e das pressões que elas exercem (mesmo que nós estejamos perfeitamente conscientes que elas não são “nada mais que idéias”), elas são, contudo, como se fossem realidades inquestionáveis que nós temos de confrontá-las” (MOSCOVICI, 2000, p. 40). As representações possuem essa força geradora de realidades inquestionáveis podendo ser futuramente confrontadas.

A presente afirmação de Moscovici (2000) nos leva a refletir acerca do ambiente escolar, de que forma as realidades atuam sobre as crianças e em como os profissionais analisam esse fenômeno. Tais reflexões serão abordadas nos próximos parágrafos, enfatizando a obra de Jodelet (1989).

Jodelet (1989) ressalta em sua obra a possibilidade de construção de visões consensuais promovidas pela propagação das imagens sociais e classifica este como parte de sua função e dinâmica social, vejamos,

Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações. (JODELET, 1989, p.21).

A dinâmica/função das representações se dá por meio da troca dos significados entre os integrantes de um mesmo grupo social. Como consequência dessa troca de informação, cria-se a oportunidade de moldar uma visão que concerne a realidade que lhe cerca. Apesar de entender que tais visões consensuais podem variar entre os grupos, elas serão úteis para direcionar as ações rotineiras.

Estudar a riqueza destes fenômenos permite-nos conhecer outros elementos que o integram, por exemplo, “[...] informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc.” (JODELET, 1989, p. 21). Para autora, são estes elementos que proporcionam o conhecimento da realidade, pois, “[...] estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade” (1989, p. 21). É por essa característica que o centro da investigação das Representações



Sociais requer técnicas de descrição, análise, explicações de suas dimensões, formas processos e funcionamentos.

A rotina da criança é uma das realidades que reflete as representações sociais, desde a sua formação escolar ou o simples contato rotineiro com os responsáveis pelo seu cuidado diário. Assim, autores como Crusoé (2004), Soares (2016), Flor (2014) e Freire (1996) retratam sobre as imagens representativas sobre as crianças.

Para Crusoé (2004), as representações são determinantes na prática escolar, vejamos:

Assim, se entendemos que os comportamentos dos sujeitos não são determinados pelas características objetivas da situação, mas sim pela representação dessa situação, as pesquisas a partir dessa perspectiva abrem possibilidades de verificação das práticas escolares, tomando como ponto de partida o conteúdo das representações. Compartilhamos também da idéia de que a prática pedagógica é um espaço em que circulam diferentes representações, que por sua vez, guiam essa prática, e, desconsiderá-las como conhecimento verdadeiro, seria não reconhecer os sujeitos dessa prática como sujeito social/cognitivo/afetivo (CRUSOÉ, 2004, p.114).

Para Crusoé (2004), no cotidiano escolar existem várias representações guiam as atitudes dos demais profissionais, moldando assim seu comportamento. Sabendo que os indivíduos atuam social/cognitivo/afetivo, precisa-se levar em conta os fatores determinantes desse fenômeno e verificar os seus possíveis efeitos, sobretudo nos conteúdos de suas imagens representativas. Vejamos o que diz Crusoé (2004) sobre representação social:

[...] entendemos que a representação social permite ao sujeito interpretar o mundo, facilita a comunicação, orienta as ações e comportamentos e, nesse sentido, temos a idéia de que a prática escolar não está imune a um conhecimento oriundo da interpretação, da comunicação entre os sujeitos. É nesse contexto que concebemos que a identificação das representações que permeiam a realidade educacional possa contribuir com a análise dessa realidade (CRUSOÉ, 2004, p.113).

Possibilidades de interpretações, facilitador da comunicação, orientadora de comportamentos e atitudes são alguns dos efeitos gerados pelas Representações Sociais no ambiente educacional. Ao listar estes efeitos no âmbito escolar, conclui-se que a escola



não está livre desse fenômeno social, ~~mas~~ pelo contrário, este não está apenas presente como também influencia as práticas desse ambiente.

Sobre a figura do professor, este por ser um profissional devidamente preparado, é ele quem lidera a programação da sala. É o educador o responsável pela didática de suas aulas e o andamento delas. Mas, a conduta desse profissional não se limita apenas em metodologias pedagógicas, mas abrange também o seu contato com as crianças e sua forma de considera-las. Sobre a imagem que o professor desenvolverá em relação à turma a qual leciona é de grande relevância, pois é determinante quanto às práticas do profissional, principalmente na formulação de rótulos. Vejamos o que diz Soares (2016)

[...] o processo de rotulação começa com as representações que os professores fazem das turmas, essas representações estão relacionadas com o meio em que esses agentes se encontram e quais as disposições que são estimuladas por eles. Assim, as representações expressas pelos professores, falas e atos, que acabam atribuindo ao comportamento de determinada turma um sentido que é permanente (SOARES, 2016, p. 27).

Para Soares (2016), a origem dos rótulos pode surgir a partir das representações que o professor tem da turma em que exerce sua função. A presença de estímulos para a prática de rotular também são acentuados pela autora, pois tanto suas expressões, falas e atitudes são percebidas pelas crianças, podendo assim gerar um símbolo permanente daquele grupo, nasce assim rótulos em sala de aula.

Para Davis (2017) a representação que o professor desenvolverá em relação à turma é determinante quanto a sua postura em sala, “As representações (imagens) que os alunos e professores fazem uns dos outros têm muito a ver com o tipo de relação que eles se estabelecem. Leva os professores a valorizar e investir mais em alguns alunos, menosprezando outros”. (DAVIS, 2017, p. 101). Assim, a existência de representações entre professor e aluno destaca a relevância desse fenômeno ao dizer uma das consequências das representações presente em sala de aula seria o investimento de atenção ou a ausência deste.

Destarte, o cotidiano escolar é permeado de representações que norteiam à conduta profissional, assim, a presença das imagens representativas também favorece a geração de rótulos dentro das salas de aula possibilitando a internalização dessas crianças e a permanência dos significados.

Entendendo as representações como norteadora da prática do educador, faz-se necessário destacar a relevância de seus atos no ambiente educacional, ou seja, se o profissional atua como



um indivíduo de conduta influente suas atitudes para com as crianças podem apresentar-se de forma operante. Vejamos o que diz Freire (1996),

As vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto, aparentemente insignificante valer como a força formadora ou com a contribuição à educando por si mesmo. [...] Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente (FREIRE, 1996, p.18).

Para Freire (1996), além de reforçar a importância desses gestos, positivos ou negativos, no ambiente escolar, é necessário refletir sobre a influência destes na vida do educando, sabendo que são práticas de características intrínsecas ao ambiente escolar.

Diante das discursões, compreende-se que as imagens representativas do educador, especificamente em sala de aula, na relação professor-aluno reflete no educando, é caracterizada como uma prática que pode acarretar em aceitação, conformidade e gerar comportamentos inibidores das novas habilidades que a criança poderá desenvolver

CONCLUSÃO

As Representações Sociais são imagens elaboradas a partir da realidade que nos cercam, formadas também pelas nossas experiências e compartilhadas rotineiramente. Apesar de sua formação parecer ser ingênuo, muitas das vezes inconsciente, elas não são neutras, possuem um poder de atuação sobre os indivíduos, norteadando suas condutas em geral. As representações sociais ganham percussão por meio dos discursos. As mensagens carregadas de palavras e significado constroem modelos padronizados, finalizados. Ao entrar em contato com esse discurso as imagens padronizadas são cristalizadas nas organizações influenciando a conduta dos indivíduos

No âmbito educacional, tais representações merecem destaque, sobretudo no conhecimento das práticas do educador que abrange um leque de atitudes que vão desde as questões conteudistas a sua forma de acolher as crianças e oferecer estímulos quanto ao comportamento, habilidades e desempenho do educando em classe.

Diante dos dados apresentados, conclui-se que, a presente pesquisa torna-se relevante para compreender o poder do papel das representações sociais e suas interferências nos processos educacionais, sobretudo na construção da personalidade da criança. A principal meta educacional se dá em torno da promoção da qualidade de vida



e bem-estar dos indivíduos, assim, conhecer os caminhos que proporcionam a efetividade desse objetivo é um dos requisitos, cabendo ao educador conhecer suas próprias representações sobre a educação, criança/infância e permite-se moldar suas concepções em busca de ofertar uma educação de qualidade que refletirá, positivamente, no futuro dos educandos e conseqüentemente na sociedade.

Bibliografia

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Tradutores: Maria João Sara dos Santos e Telmo Baptista. Portugal: Editora Porto, 1991.

CRUSOÉ, N. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação**, sl, v.2, n.2, p.105-114. 2004.

DAVIS, C. et al. **Gestão da Escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2007.

DURKHEIM, E. **Sociologia**. Editado por José Albertino Rodrigues. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. E. Educação e sociologia. Petrópolis; Vozes, 2011.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 38ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SOARES, A. **Da relação professor-aluno: a má turma e a boa turma**. Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.